

# Papos Tais

## 1 3

*Conversas com Henrique Magalhães sobre alguns assuntos. O primeiro é sobre o número de assinantes do “QI”, baseado no email que mando avisando sobre o envio do “QI”. O segundo é sobre os modos tradicionais e atuais de fazer os originais das HQs.*

Uma questão: é essa a lista de assinantes do fanzine? Acho que são poucos leitores comprometidos com sua edição. Onde estão os correspondentes que enchem as páginas do fanzine? Leem a edição digital ou recebem em cortesia? Talvez seja hora de pensar mesmo na edição exclusivamente digital e colocar os originais na Kalimazine para quem sentir falta do impresso.

*Boa levantada de bola. O número de assinantes do “QI” está no momento nesses 27 nomes. O ano de 2025 terminou com 37 assinantes. Então pode ser que esses cerca de 10 que ainda não renovaram a assinatura, possam fazer. O fato do “QI” estar adiantado tem confundido as pessoas, elas só vão pensar na renovação quando chega janeiro. Para essas pessoas eu enviei o “QI” 197 de cortesia, justamente por esse motivo.*

*Mas há outra lista, além dessa que eu enviei para os assinantes, que são os que recebem de cortesia, em troca de colaborações ou de fanzines que recebo, ou para quem eu divulgo as edições. Neste “QI” 198, enviei para 26 leitores. Esse procedimento de enviar exemplar de cortesia para colaboradores eu sempre adotei e acho uma boa prática nos fanzines. Acho que é uma recompensa para quem se esforça para colaborar. Há pessoas como você, o Mário Labate, o Iório, o Fábio Sales, o Luiz Cláudio, entre outros menos assíduos, que, mesmo colaborando, fazem a assinatura. É uma consciência que talvez venha do fato de também fazerem fanzines e conhecerem as dificuldades. Eu sempre tentei recompensar financeiramente os fanzines que recebi, a não ser quando era claramente uma troca ou o editor fazia questão de não cobrar.*

*Mas há outros modos de pensar, um deles é que, para muitos, fanzine não deve ser cobrado. Mesmo quando a edição é um pouco mais volumosa e tem um custo maior, o leitor talvez imagine que seja subvencionado (e há os casos) e que não seja preciso pagar.*

*Existe o gasto de enviar esses exemplares de cortesia ou de fazer tantos encartes, mas isso está dentro das minhas possibilidades e do espírito dos fanzines. Nunca foi um inconveniente para mim. Não é por isso que penso em tornar o “QI” primeiramente digital. É, em várias medidas, o trabalho de imprimir, montar, grampear, envelopar, enviar; ter que lidar com equipamentos cada vez menos amigáveis como computadores, scanners e impressoras; e por fim o Correio.*

*Este último “QI” enviado, o 197, não foi recebido por 3 leitores. É uma média boa 3 em mais de 60? Não, eu não paguei pela média, Os leitores eram assinantes ou colaboradores, tinham que receber. Eu não posso mandar outro exemplar, pois não quero perder dois.*

*Nota: depois de mais de dois meses, os 3 leitores receberam o “QI” 197.*

*Agora, eu não sei se essa solução para o “QI”, de fazê-lo primeiramente digital, não vai acabar com ele. Acho que a chance é boa. Dos leitores da edição impressa, quantos vão se contentar com somente a versão digital? Será que o “QI” na versão digital tem um bom número de leitores? Quantos vão querer a versão impressa, que sairá num valor maior do que a assinatura que faço? Não guardo muitas ilusões. Na pior das hipóteses, faço como tantos editores que já aderiram a edição digital há tempos, envio o PDF anexado em email para quem tiver interesse. Não tenho interesse em publicar em blogue, essas coisas. Acho mais interessante fazer uma edição em PDF e enviá-la aos leitores por email. E, claro, colocar à disposição na Marca de Fantasia.*

Depois que mandei o email, fiquei incomodado. Acho que fui muito racionalista com a situação de assinaturas do **QI**. Deixe-me ponderar um pouco.

Seu trabalho é magnífico, um primor de pesquisa e edição, com requintes pouco vistos até nos melhores fanzines. Aliás, o seu é o melhor fanzine, cada vez melhor.

Tudo isso dá um trabalhão, sei bem, mas dá também muito prazer. Pela contribuição que você dá ao meio dos quadrinhos, pelo capricho editorial, pelo espaço coletivo de voz e criação. Não desejo mesmo que o **QI** pare um dia, por isso pensei na edição digital como evolução natural. Mas isso traz também vantagens e problemas.

Boa parte dos leitores do **QI** é composta por antigos fanzineiros e amantes dos quadrinhos, talvez não haja leitores jovens para um fanzine com esse perfil: noticioso, reflexivo, envolvente e cheio de opiniões. Essa geração – que adora uma edição impressa – está se esgotando e os leitores tendem a diminuir. Mas, será que uma edição digital, mesmo que possa ter uma divulgação massiva, teria a mesma receptividade? Isso eu também questiono com base em minha produção com a Marca de Fantasia.

Deixei de fazer revistas, álbuns e livros impressos porque ninguém comprava, o encalhe ia se avolumando, mesmo que fizesse pequenas tiragens – é insignificante a venda de meus livros de Maria, faço-os ainda por um capricho, para ter meu próprio livro na estante. O processo artesanal de produção também se tornou um sufoco para mim, já que os lançamentos da Marca de Fantasia não paravam de crescer. Imprimir em casa tornou-se um fardo. Além de dobrar, costurar os cadernos, colar a capa, cortar, ainda tinha que diagramar, divulgar, vender, ir nos Correios para enviar os livros. Com a decisão de fazer tudo digital, todo esse processo se resumia na editoração e na inserção no site da editora. Ah, inicialmente tentei vender as edições digitais por um valor módico – algo como o valor de uma passagem de ônibus – mas isso também não deu certo, ninguém estava disposto a pagar num meio em que quase tudo é descarregado de graça. Resolvi, então, liberar os livros gratuitamente, pensando em dar sentido ao trabalho de editar, que é a circulação do conhecimento. A verdade é que nem sei se isso tem dado bom resultado, não há como medir os acessos sem encurtar os links e colocar em outro site (já fiz isso e tive muitos problemas).

Então, amigo, você tem razão. Nada garante que fazer o **QI** exclusivamente digital possa garantir o acesso aos leitores. O **QI** digital tem funcionado bem como uma segunda opção, mas certamente a edição digital exclusiva poderia dissolver-se no ar, perder o vínculo com seu público habitual e nem conquistar um novo público, que naturalmente já é alheio ao que fazemos – nós, de outra geração.

Sei que a contribuição dos assinantes é mínima, não cobre nem um terço do que você investe no **QI** e nos encartes. Ver que ainda assim ela tem diminuído me gerou esse estado de indignação.

Considerarei o lado objetivo do fato, mas não vi no momento o lado subjetivo: o prazer de fazer o fanzine, a motivação apaixonada pelos quadrinhos e pela publicação, o elo com os leitores e autores assíduos, enfim, todo o encantamento que nos faz gozar e ter prazer no que fazemos.

*Seus comentários não foram impertinentes, pelo contrário, foram bem pertinentes. O “QI” vale a pena ser feito porque tem esses cerca de 60, um pouco mais, leitores que acompanham e participam. Na versão digital, eu pretendo, além de deixar o arquivo na Marca de Fantasia, com sua anuência, enviar, aos leitores que confirmarem o interesse, o arquivo PDF anexado ao email. Aí verei com clareza o resultado da mudança. Primeiro, quantos vão se interessar em receber o arquivo, e depois quantos manterão o interesse continuando a colaboração intensa que existe hoje no ‘Fórum’. Se o interesse não se mantiver, não tem sentido fazer o “QI”. Esse é o requisito para fazer o fanzine, a participação de um certo número de leitores.*

*Os seus comentários sobre o comprometimento dos leitores com o “QI” foram acertados. Embora eu tenha idealismo em relação ao fanzine, confesso que alguma coisa me incomoda um pouco. Será que os leitores leem as edições que recebem? Claro que aqueles que escrevem enviando comentários e colaborações leram. Mas e os outros? Entendo que o tempo é corrido, para ler tudo incluindo os encartes. Mas fica a expectativa de que a edição tenha coisas interessantes que motivariam o leitor a comentar.*

*Enfim, agradeço suas palavras gentis sobre meu trabalho e a disposição em manter essa conversa crítica, analítica, reflexiva. E sua disposição em manter a página EGO/QI.*

Eu também tenho essa dúvida cruel. Será que os leitores leem os volantes que envio? E as tiras de Maria? Às vezes acho que recebem e descartam, quase ninguém comenta. Penso que estou importunando a centena de pessoas a quem mando os volantes e que elas não se sentem à vontade para pedir para sair da lista. Simplesmente ignoram. Ou é assim mesmo esse meio de comunicação, fútil e descompromissado?

*Acho que os leitores de modo geral leem o que recebem. Eu leio todos os volantes e todas as tiras que você manda, assim como todo o material que recebo. Mas às vezes a leitura é seletiva. Por exemplo, nos fanzines que têm HQs, artigos, resenhas e textos de ficção, eu dou preferência aos primeiros. Sempre tento responder aos editores que me enviam suas edições, mas deixo para fazer comentários somente quando acho que posso dizer algo de maior interesse. No “QI” e nos encartes, eu entendo que o leitor selecione os assuntos de seu interesse e até admiro que há leitores que realmente leem tudo. E recordo aqui as palavras de Aníbal Cassal, o pagamento do editor de fanzines é o comentário do leitor.*

Edgard, tire-me uma dúvida: você está desenhando com canetas digitais? Seu traço está bem regular, sem nuanças. Já comprei dois tablets com caneta, mas não consigo desenhar. É muito impreciso riscar sobre o vidro, falta a aspereza do papel.

*Já pensei em comprar esse tal tablet, mas não para desenhar e sim para fazer retoques ou complementos nos desenhos escaneados. São coisas que faço hoje no Paint com o mouse, o que não é muito confortável. Mas acontece que faço isso muito pouco, então sempre acho que não compensa. Para a arte-final eu uso o que chamavam de “caneta nanquim descartável”. Não é nanquim, parece que é hidrográfica, mas diz que é à prova d’água. As vezes o traço sai bem regular, mas dá para fazer um traço “nervoso” passando várias vezes a caneta sobre o traço, é algo que eu até gosto.*

*Algumas poucas vezes na minha vida, tentei usar pena ou pincel, nada sofisticado, somente os modelos comuns que se acham em qualquer papelaria. Mas, de novo, eu não tenho produção que compense investir em técnicas e equipamentos. E, de qualquer forma, pareça ou não “desculpa de aleijado”, eu dou prioridade ao roteiro e à ideia em relação à execução do desenho. Eu lembro de uma entrevista do Tezuka, quando ele esteve no Brasil, dizendo que para fazer quadrinhos não precisava saber desenhar, que a boa história compensa o desenho ruim. Certo, ele exagerou um pouco, mas não muito.*

O trabalho de limpeza e tratamento de imagens escaneadas eu faço no computador, com o Photoshop, que acabei por assinar. Os desenhos, faço-os mesmo no papel, com grafite e borracha, finalizando com canetas de nanquim descartáveis (ou similares).

Há quem faça tudo no iPad ou tablets, como os da Samsung, é o caso de André Dinis e Alberto Pessoa. Alberto chega a desenhar no celular, o que acho uma façanha. Talvez o estilo gráfico deles seja mais adequado para isso – traços grossos, ângulos fortes, algo que lembra as imagens xilográficas. Cheguei a fazer uma tira de Maria nesse tipo de suporte digital, não gostei. Senti falta de espontaneidade, da textura do papel, até dos erros na finalização, que tanto me incomodam em meu trabalho.

Ando arredio em desenhar. Maria, ano passado, me levou à exaustão. Tenho me dedicado ao texto literário, mas sem muito domínio, apenas tateando caminhos. Sei que voltarei aos quadrinhos, desde que encontre e me satisfaça com outros modos de expressão.

